

APROVÍNCIA

Semanário

INFORMAÇÃO • CULTURA • RECREIO



Proprietária, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA - 18
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA «GRAFEX» - MONTIJO

DIRECTOR
RUY DE MENDONÇA

A Siderurgia Nacional

e o problema da sua localização

Assunto do mais alto interesse nacional, parece não ter merecido aos montijenses um mínimo de atenção.

Pelo que toca ao homem da rua, diremos até, ter passado completamente despercebido.

Para que se não diga no entanto que, não colocámos o problema ao alcance de ser apreciado e comentado pelos leitores e consequentemente pelos montijenses, apresentamos hoje, embora resumidamente, algumas passagens da importante conferência proferida pelo Sr. Engenheiro Luís da Fonseca, ilustre director do Porto de Setúbal, na sede da ordem dos Engenheiros em Lisboa e subordinada ao tema: *Localização da Siderurgia Nacional*.

Embora o competente técnico Sr. Eng.º Luís da Fonseca, desenvolvesse o estudo deste problema com base a demonstrar as vantagens da localização desta nova grande indústria nos arredores da cidade de Setúbal, na margem direita do Rio Sado, não deixa de ser interessante constatar que se preconizam três localizações para a Siderurgia Nacional: 1) No norte do país, a 3 Km a norte do Porto de Leixões; 2) No sul do país: a) No porto de Lisboa, na margem sul do estuário do Tejo (península de Montijo); b) No porto de Setúbal, na margem norte do estuário do Sado (península de Mitrena).

Do estudo sumário dessas três localizações interessantes sobremaneira a que diz respeito à Península de Montijo.

Diz o Sr. Eng.º Luís da Fonseca no seu trabalho: «No vasto estuário do Tejo não existe zona terres-

tre onde se possa instalar uma grande indústria que exija grande área e possibilidade de utilização directa de grandes fundos. Seria necessário, para obter, realizar grandes obras, de elevado dispêndio incompatível com a economia industrial.

Concurso de Prognósticos de Futebol

Veja na página 6

No estudo que a Administração Geral do Porto de Lisboa efectuou, para a escolha do local de instalação da futura zona franca, chegou-se à conclusão de que o único sítio onde isso se poderá fazer é na zona, hoje submersa, a norte da península do Montijo, junto à cala de Samora. Mas em qualquer caso haverá que fazer aterros, numa profundidade da ordem dos 4 quilómetros para se obterem os terraplenos necessários. A norte desta zona franca pensa-se instalar o grande estaleiro nacional de construção e reparação naval.

Na hipótese da localização da siderurgia nacional no porto de Lisboa apresen-

(Continua na página 2)



As Sociedades Filarmónicas são Escolas de Educação e Cultura

Numa apreciação serena e erudita, o escritor Alvaro Valente, proferiu brilhante conferência na sede da S. F. U. A. onde focou com notável clareza o problema das sociedades musicais do nosso País.

Conforme anunciamos realizou-se no p. p. dia 6 na sede da Sociedade Filarmónica União Agrícola Pinhal-novense uma conferência, para encerramento das festas do seu 59.º aniversário.

É de esse importante e bem elaborado trabalho do nosso colaborador e distinto escritor Alvaro Valente o extracto que a seguir publicamos, lamentando não poder dar aos nossos leitores toda a conferência, mas trata-se de extensa obra de apreciação crítica à acção das Sociedades musicais que, não nos é possível publicar na íntegra.

Algumas das principais e mais interessantes passagens ficam no entanto arquivadas nas nossas colunas, por gentil deferência do autor, que amavelmente nos cedeu o original de tão apreciado como notável trabalho.

«Lá fora, as Sociedades Filarmónicas gozam de regalias especiais, de protecções e respeito que possibilitam o seu engrandecimento.

Em Portugal, onde estamos vivendo e escrevendo, pensando e congeminando, ainda há a necessidade ingente de batalharmos pela propagação de seu valor espiritual e social, na esperança de conseguirmos para

(Continua na página 5)

LISBOA de ontem - LISBOA de hoje

e afinal Lisboa de sempre

por A. Rosado

Esta Lisboa das sete colinas, tão cantada pelos poetas e fadistas, tem encantos que nem toda a gente sabe apreciar. Para quem vem de fora, é inegável que os aspectos dos bairros modernos, com prédios enfadonhamente iguaizinhos uns aos outros, pouco ou nada lhe podem interessar. Afinal de contas são uma cópia mais ou menos flagrante do que o viajante encontra em qualquer cidade, desde que a ânsia do progresso e as necessidades da civilização imponham o padrão que é por demais copiado e seguido em toda a parte.

Não! Tirando o aspecto social, que na verdade é muito importante, os prédios modernos não entusiasman grandemente quem vem de fora, desejoso de ver coisas novas — ou melhor dizendo, coisas que na sua terra não existem.

Muito mais interessante é ver e percorrer devagar, com os olhos bem abertos e a sensibilidade bem desperta, os bairros antigos de Lisboa, não só a velha Mouraria, cheia de tradição, não só a tortuosa Alfama, tão típica e original, mas também Alcântara, Campolide, Campo de Ourique, a própria Estrela, onde a simetria das ruas não

(Continua na página 7)

Imagens do MUNDO

A Sede do Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento está situada neste edifício em Washington, D. C., capital dos Estados Unidos. Dos rendimentos das suas 48 nações-membros e propriedades particulares suas, o Banco adquire fundos para fazer empréstimos para fins económicos produtivos e para promover o fomento industrial nos países membros danificados pela guerra.

Divagando sobre

Toponímia

pelo Prof. José Manuel Landeiro

Durante muitos séculos era o povo, o não os Municípios, que se encarregava da toponímia urbana, isto é, quem dava o nome às ruas. A toponímia fazia-se criteriosamente com «nomes ajustados, de um delicioso pitoresco» consagrando aqui um guerreiro, além o de um fidalgo (1), acolá um mercador e mais além um operário e, nos grandes centros, a classe de mestres da maior predominância na rua ou artéria. Assim chegaram, até nossos dias, nomes bastantes curiosos que vigoram ainda em algumas cidades ou vilas, como estes: Rua dos Ferreiros, rua das Alcaçarias, do Açougue, do Padre Mestre, da Corredoura

(Continua na pág. 7)

APROVÍNCIA também ri!...



Esta anedota sem legenda, é uma pequena amostra da página humorística que o nosso semanário vos oferece no próximo número.

VIDA PROFISSIONAL

Médicos

Dr. A. Ferreira da Trindade
Rua Bulhão Pato, 42
Telef. 026 131 — MONTIJO

Dr. Alcides Cunha
Montijo — Sarilhos Grandes

Dr. Avelino Rocha Barbosa
Das 15 às 20 h
R. Almirante Reis, 68, 1.º
Telef. 026 245 — MONTIJO

Dr. Eduardo Gomes
Consultas todos os dias às 17 horas.
R. Machado Santos, 6-1.º
Telef. 026 038 — MONTIJO

Dr. Fausto Neiva
Largo da Igreja, 11
Das 10 às 13 e das 15 às 18 h
Telef. 026 256 — MONTIJO

Dr. Gonçalves Guerra
Rua Bulhão Pato, 58
Telef. 026 153 — MONTIJO

Dr. J. Sousa Correia
CLINICA DENTÁRIA
Dentes artificiais e consertos
Consultas todos os dias
das 11 às 13 e das 15 às 17 horas
Rua Bulhão Pato, 58 — MONTIJO

Dr. M. Santos Cruz
Interno dos hosp. civis de Lisboa
Doenças da boca e dentes
Dentes artificiais
Consultas às 2.ªs e 6.ªs feiras
às 14 horas.
R. Bulhão Pato, 7 — Montijo

Dr. F. Sepulveda da Fonseca
INTERNO DE PEDIATRIA
(Doenças das crianças) dos
Hospitais Civis de Lisboa
Passou a dar consultas todos
os dias às 8 e às 15 horas na
R. D. Estefânia, 81 r/c.
Telef. 51589 LISBOA

Dr.ª Isabel Gomes Pires
Ex-Estagiária do Instituto
Português de Oncologia.
Doenças das Senhoras
Consultas às 3.ªs e 6.ªs feiras
R. Almirante Reis, 68-1.º - Montijo
Todos os dias
Rua Morais Soares, 116-1.º
LISBOA Telef. 48619

Dr.ª Natália Barbosa O. Marques
Ginecologia e Obstetrícia
Consultas às 3.ªs e 6.ªs às 16 horas
Montepio N.ª Sr.ª da Conceição
R. Almirante Reis MONTIJO

Parteiras

Felisbela Victória Pina
Parteira - Enfermeira
Partos, injeções e tratamentos
Rua Sacadura Cabral, n.º 50
MONTIJO

Augusta Marq. Charneira Moreira
Parteira-Enfermeira
Diplomada pela Faculdade de
Medicina de Coimbra
Rua Tenente Valadim, 29-1.º
MONTIJO

Advogados

Dr. Alberto Cardoso do Vale
Escritório: Praça da República, 45
MONTIJO

Dr. Roúl Elias Adão
Montijo — Telef. 026 252
Praça do Quebedo, 1 - r/c.
Telef. 2240 — Setúbal

A Siderurgia Nacional

(Continuação da primeira página)

tam-se duas soluções — uma imediata, outra de realização a longo prazo.

A primeira, que é a que na realidade interessa, consiste em instalar essa indústria entre Montijo e Samouco, utilizando-se como obra marítima uma ponte-cais que sairia do chamado «espórão do Montijo».

Mas, aqui, os fundos de (8,00) — mais de 8 metros abaixo do baixamar de águas vivas, mínimo necessário à navegação de longo curso transportadora do coque — correm acerca de 1 quilómetro da margem sul do Tejo.

O acesso à ponte-cais deverá ter esta extensão. É uma ponte-cais com tal extensão, com as dimensões convenientes à descarga de 380.000 toneladas e com um acesso de ligação à terra firme, deveria importar em cerca de 50.000 contos.

Esta zona do Tejo é muito exposta aos ventos frescos dos quadrantes do Norte.

A navegação de longo curso poderia manter-se acostada, sob fortes ventos do Norte, se bem que com prejuízo dos navios e da ponte-cais; a navegação costeira e os batelões teriam grande dificuldade em se manter e efectuar ali cargas e descargas, durante grande número de dias em cada ano.

Esta solução da ponte-cais no «espórão do Montijo» não é, porém, possível, por motivos de ordem militar.

O referido «espórão» faz parte da Base Aérea N.º 6 e a estrada de acesso à ponte-cais teria de atravessar a mesma base aérea numa extensão de 3 quilómetros.

Por outro lado, as instalações da siderurgia nacional não poderão ficar pró-

ximo da Base Aérea, nem da estação radiogoneométrica que nela se inclui. A zona próxima da Base Aérea esta sujeita a servidão militar definida pela Lei 2078, de 11 de Julho deste ano.

Deverá dizer-se ainda que no prolongamento das pistas deve ficar assegurado um caminho de vção com determinadas condições de segurança, que a existência de altos fornos não garantiria. Não se trata de uma obstrução vulgar, mas até de um tipo muito especial, pois há que atender a que por cima dum alto forno não se passa sem deixar espaço suficiente a evitar que o avião se incendeie.

Problema desta natureza levantou-se com a torre de queima de gases da *Sacor*, apesar de ela se encontrar a 8 km. do extremo poente da pista de noroeste da Base Aérea do Montijo.

No melhor dos casos, a siderurgia nacional teria de afastar-se para mais de 7,5 quilómetros do extremo da pista de navegação sem visibilidade daquela Base — ficando, consequentemente, a mais de 10 quilómetros do enraizamento da sua ponte-cais.

Fora daquela faixa, para norte, entre ela e Alcochete, não há espaço suficiente, porquanto será necessário contar com a grande expansão que virá a ter esta vila se se realizarem junto dela

as instalações previstas para a zona franca e construção naval.

A outra solução no porto de Lisboa — solução a longo prazo — seria a construção das obras marítimas necessárias à siderurgia nacional, a norte do futuro grande estaleiro, que ficará, como se disse, a norte da futura zona franca. Neste caso as instalações terrestres da siderurgia teriam de ficar também a nordeste da foz da Ribeira das Enguias.

Esta solução representaria, como é óbvio, o protelamento da realização da siderurgia em Portugal por largos anos.

Deverá considerar-se ainda o problema, que se levanta, da deslocação de populações para Alcochete com a criação da zona franca e do grande estaleiro nacional, com o seu milhar de operários e correspondentes famílias. Se lhe juntarmos a siderurgia nacional, também com mais de um milhar de operários, poderá concluir-se que é problema duma dimensão que excede a nossa craveira».

O Sr. Eng.º Director do Porto de Setúbal, entra depois na apreciação das vantagens que aconselham localizar a citada indústria em Setúbal, preconizando essa solução que, embora menos vantajosa para Montijo, não deixará no entanto de se refletir benéficamente em todo o Distrito.

Uma Interessante Iniciativa

Filmes Pecuários

No dia 7 do corrente mês pelas 21 horas, no salão nobre da Câmara Municipal, o qual foi gentilmente cedido para este fim, foram exibidos alguns filmes de propaganda pecuária fornecidos pela Direcção Geral dos Serviços Pecuários.

Esta sessão de cinema foi acompanhada com algumas considerações de carácter técnico proferidas pelo Intendente de Pecuária de Setúbal Dr. Joaquim Augusto de Barros, e no final foram escolhidos os números que mais interessam para a região.

Entre a assistência, que se mostrou sempre muito interessada, encontrava-se a Direcção do Grémio da Lavoura, Lavradores, Industriais de salsicharia e médicos veterinários.

Os filmes apresentados focavam além duma fábrica de lactínios construída em França com a ajuda do Plano Marshall, uma exploração de bovinos leiteiros exemplificando principalmente os cuidados higiénicos a ter durante a ordenha das vacas e a limpeza e desinfectação dos estábulos; doenças dos animais de capoeira, sua profilaxia.

No final viu-se uma exploração de suínos na Dinamarca e respectiva industrialização.

Os filmes escolhidos, com a locução de Fernando Pessa, que têm o maior interesse para a região, serão exibidos em público em data e local a indicar oportunamente.

Material Eléctrico

Cabos e fios condutores
Baquelites — Porcelanas
Iluminação fluorescente
Material Estanque - Tubos
Bergman - Tubo de Aço

CANDEEIROS
TELEFONIAS
IRRADIADORES
VENTOINHAS
FRIGORIFICOS
Etc. — Etc. — Etc.

Tudo aos melhores preços
ABEL JUSTINIANO VENTURA
Praça da República — MONTIJO

Tendo V. Ex.ª que efectuar
Seguros em qualquer ramo
não deixe de consultar

Luís Moreira da Silva

Rua Almirante Reis, 27

Telefone 026 114

MONTIJO

Te lefone 026 37

Data boas Fotografias

Foto Montijense



Sábado, 17 — às 21,10 horas

Domingo, 18 — às 15,30 e 21,10 horas

PARA 13 ANOS

Apresenta o célebre filme em CinemaScope

A FONTE DOS AMORES

Deslumbrante Colorido em TECNICOLOR

COM >

Clifton Dorothy Jean Louis Maggie
WEBB MC GUIRE PETERS JOURDAN MC NAMARA

COMPLEMENTOS ESCOLHIDOS

AGENDA ELEGANTE

Aniversários

— Dia 3, o sr. Francisco Manhoso Iça, nosso prezado assinante.

— Dia 7, o sr. Joaquim Vintém Lopes, nosso amigo e assinante.

— Dia 9, a menina Elizabete da Costa Saraiva, filha do nosso dedicado assinante sr. António Paulo Saraiva.

— Dia 10, o menino Carlos Carvalho Saraiva, neto do nosso dedicado assinante sr. Silvano Saraiva.

— Dia 12, o menino Carlos José Gouveia Sequeira, filho do nosso assinante sr. Carlos Ramos Sequeira.

— Dia 12, a menina Gina do Carmo Ferreira, gentil filha do nosso prezado conterrâneo sr. Manuel Beatriz Júnior, actualmente em Tetuan (Marrocos Espanhol) a quem por nosso intermédio sua família deseja as maiores felicidades.

— Dia 12, o Sr. Jacinto Domingos Neto Branco, conceituado comerciante em Montijo e nosso prezado assinante.

— Dia 14, o sr. José Joaquim Motta Caria, nosso querido e apreciado colaborador.

— Dia 15, o sr. Carlos Barros Contramestre, nosso dedicado assinante.

— Dia 17, o menino Mário Manuel Palaré da Silva, filho do nosso prezado assinante sr. Mário Pinto da Silva.

— Dia 18, a menina Maria Natália Beatriz Gregório, filha do nosso dedicado assinante sr. Joaquim de Sousa Gregório

Nascimentos

— No p. p. dia 7 deu à luz uma criança do sexo masculino a ex.^{ma} sr.^a D. Clara Oliveira Gomes Pereira, dedicada esposa do sr. Úlpio Guerreiro Pereira, nosso bom amigo e prestimoso colaborador. Mãe e filha encontram-se bem. «A Província» felicita vivamente os jovens pais e deseja ao pequenito recém-nascido as maiores venturas.

Acto de posse

No sábado passado realizou-se no Gabinete do Sr. Presidente da Câmara o acto de posse do novo engenheiro chefe da Secção Técnica Municipal, Sr. António Sidónio de Sousa.

Ao novo Engenheiro do nosso município apresenta «A Província» os seus melhores cumprimentos e desejos de muitas felicidades no seu cargo.

Notícias da Semana

**Cosas que acontecerem...
mas não deviam acontecer...**

Com o pedido de publicação recebemos a seguinte carta:

Ex.^{mo} Sr.

Ao ler no último número do v/conceituado jornal, na secção «Cosas que acontecerem... mas não deviam acontecer...», o caso passado entre a Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro e a Cooperativa União Piscatória desta mesma vila, venho muito respeitosamente junto de V. Ex.^a, manifestar o meu desagrado ao que vem publicado, pois que, a verdade vem em parte deturpada.

Lamento não ter capacidade literária para neste momento poder expôr tudo o que sinto e sei, mas creio o que me leva a dirigir a V. Ex.^a, é apenas para que todos os sócios e amigos da S. F. 1.º de Dezembro, e aliás, todas as pessoas que se interessam por este caso, fiquem a saber a verdade dos factos.

Em tempos foi a União Piscatória muito amiga da 1.º de Dezembro, e esta daquela, como prova a oferta de medalhas e galardões da primeira em recompensa dos muitos serviços prestados pela outra, porém, essa amizade nos últimos anos tem arrefecido um pouco, ao ponto de no ano transacto, ou seja no ano do centenário da S. F. 1.º de Dezembro, quando esta sociedade dirigia os seus cumprimentos às colectividades de Montijo e de boas relações com a nossa, fomos também cumprimentar a U. P. e verificou-se a falta dum director, dum sócio e até do seu simples continuo, que como V. Ex.^a sabe é hábito nestes actos comparecer os dirigentes ou quem os represente, mas... «para melhor esclarecimento», nem as portas e janelas se abriram.

Horas depois realizou-se a Sessão Solene comemorativa do centenário e notou-se novamente a falta de representação da U. P. e ainda no almoço de confraternização os lugares destinados aos dirigentes da U. P. ficaram vagos, atitudes essas que motivariam em qualquer, aborrecimento ou mal entendido, o que, a oferta dum simples bolo não resolvia o assunto. Para justificar esse aborrecimento temos mais tarde um número das Festas de S. Pedro, que é a Lavagem na Quinta do Saldanha e a arrematação de bandeiras, número exclusivo da U. P. que até então era abrilhantado por um grupo de filarmónicos da 1.º de Dezembro o que não sucedeu pela recusa dos filarmónicos e para reforço do que digo prova-o a ausência dos representantes da S. F. 1.º de Dezembro no almoço realizado pela U. P., presenças essas que até ali eram imprescindíveis.

Até hoje não se tentou o mais pequeno passo por qualquer das duas colectividades para uma reconciliação, pelo menos que os executantes da S. F. 1.º de Dezembro tenham conhecimento, e como a «maioria» destes não tocam música por tocar, mas sim por sentir o amor à colectividade, sofrendo nos momentos maus e

Escola Técnica

Ao sr. Governador Civil de Setúbal, sr. Dr. Miguel Bastos, foi já entregue a Exposição elaborada a apresentar a sua Ex.^a o sr. Ministro da Educação Nacional, aguardando a Câmara Municipal que após a sua leitura o sr. Governador peça a audiência projectada com o sr. Ministro.

Estamos convencidos que dado o interesse que os problemas do Distrito merecem à sua autoridade máxima, muito em breve essa entrevista será marcada e a grande representação Montijense se deslocará a Lisboa a dizer da sua justiça.

Novo Cinema Teatro

Podemos informar os nossos prezados leitores que a Empresa do Cinema Teatro Joaquim de Almeida L.da acaba de adjudicar à conceituada casa Philips Portuguesa, e montagem de toda a sua aparelhagem de projecção e som, que será da mais moderna e possuirá todas as características das inovações que dia a dia o cinema nos proporciona e de acordo com as suas esplêndidas instalações.

Santa Casa da Misericórdia

Por despacho de 29 de Novembro findo, de Sua Ex.^a o sr. Subsecretário de Estado da Assistência Social, foi concedido o subsídio eventual de 30.000\$00 à Santa Casa da Misericórdia de Montijo.

regosijando-se nos momentos de alegria e de glória, como ficou demonstrado na noite de 8 de Agosto de 1954 na cidade de Setúbal e em muitas outras terras do país, como Porto, Guimarães, Braga, Trofa, Paços de Brandão, Oleiros, etc, etc, onde temos deixado bem vincado o nome da S. F. 1.º de Dezembro e de Montijo, tanto na Arte como na Disciplina.

Foi essa «maioria» que na noite do dia 1 de Dezembro corrente, quando na volta às ruas da vila, «para evitar mais complicações», propôs ao Director da Banda, visto que por motivos particulares, já nessa altura, o nosso regente não nos acompanhava, para que voltássemos à Avenida do Parque pois que evitaríamos qualquer outro dissabor ao mesmo tempo que se encurtava a volta pois tínhamos ainda que realizar um concerto, ao que o Director de Banda nos informou claro e bem alto que a ordem era «seguir e não parar» na U. P. pelo que toda a banda obedeceu cegamente. Os executantes foram portanto irresponsáveis dum hesitação em frente à U. P. seguindo o itinerário marcado e cumprindo as ordens recebidas.

Ex.^{mo} Sr. Director: — pelo que fica exposto que é sem sombra de dúvidas a verdade dos factos, não se verificou minoria de filarmónicos indisciplinados, nem mancha negra nas páginas da S. F. 1.º de Dezembro, nem há responsáveis directos por estes factos, o que se passou, foi sim um episódio destes que se deparam na vida aos quais não podemos fugir.

Portanto não haverá sanções, nem saneamento nos quadros de executantes da banda, pois que todos os filarmónicos estão unidos como nunca, um único bloco, apoiados nos méritos artísticos do seu regente e obedecendo às ordens dos seus dirigentes, para continuação da conquista de louros que possam engradecer a colectividade e a vila de Montijo.

Com o pedido de publicação, que antecipadamente muito agradeço, creia-me

De V. Ex.^a
Muito Obrigado

José Ladislau de Sousa

Executante há 35 anos na S. F. 1.º D.

Banda Dem. 2 de Janeiro

A' hora de no nosso jornal se iniciar o serviço de expedição, está a realizar-se na sede da B. D. 2 de J. uma Assembleia Geral Extraordinária, sob a Presidência do sr. Dr. António Gonçalves Rita afim de serem tratados diversos assuntos referentes à aquisição do prédio para a nova sede.

No próximo número daremos o respectivo relato do que nesta sessão for deliberado.

Tertúlia Tauromáquica

Esta colectividade leva a efeito na passagem de ano nos salões da S. F. 1.º Dezembro um grandioso baile abrilhantado pela Orquestra Unidos do Jazz com o seu acordeonista António Chitas.

Inauguração do Carrilhão da Igreja Matriz

No dia 8 pelas 15 horas foram inaugurados oficialmente os 5 novos sinos da Igreja Matriz.

Para solenizar o acto, além das cerimónias religiosas levadas a efeito, foi executado um pequeno concerto de Carrilhão pelo Sr. Francisco Alves Gato, conhecido Carrilhonista de Mafra.

Dâmaso E. Reis de Carvalho

Faleceu no dia 11 do corrente, com 58 anos de idade o sr. Dâmaso Ernesto Reis de Carvalho, natural de Lisboa, mas residente há muitos anos em Montijo, onde era figura muito popular e estimada.

O extinto que era casado com a sr.^a D. Joaquina Fernandes de Carvalho, era um amador teatral muito apreciado tendo colaborado intensamente nas revistas da Banda Democrática não só como actor mas também como caracterizador. O último espectáculo a que deu o seu concurso foi a revista — Festa Rija.

O corpo foi depositado na Igreja Paroquial onde às 12 horas se realizou missa de corpo presente, tendo às 16,30 horas seguindo o funeral para o cemitério local com grande acompanhamento, nele se tendo incorporado a Banda Democrática com seus músicos devidamente fardados e estandarte.

«A Província» apresenta sentidas condolências à família enlutada.

Trespasse

Mercearia e Vinhos com habitação, quintal, capoeiras e pocilga. Informa Telf. n.º 026 948

Telef. 026 208

LATOARIA CENTRAL

DE
JOAQUIM ANTÓNIO DA SILVA

Embalagens em Folha de Flandres

Rua Almirante Reis, 77

MONTIJO

AGENDA UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

5.ª-Feira, 15 — *D i o g o*

6.ª-Feira, 16 — *Geraldes*

Sábado, 17 — *Montepio*

Domingo, 18 — *Moderna*

2.ª-Feira, 19 — *D i o g o*

3.ª-Feira, 20 — *Geraldes*

4.ª-Feira, 21 — *Montepio*

Boletim Religioso Culto Católico

MISSAS

Dias de semana, às 8 e 9 horas na Igreja Paroquial.

Domingo 18 — às 8 horas na Igreja da Misericórdia, às 9 horas no Afonsoeiro, às 10 e 11,30 horas na Igreja Paroquial, às 11,30 horas na Atalaia, às 18 horas na Igreja Paroquial.

Batismos das Crianças das Escolas: Domingo, às 12,15 horas na Atalaia, às 15 horas na Igreja Paroquial.

Horário da Catequese: 3.ª feira (Projeções e Cânticos) às 10,30 e 15 horas, Domingos — Missa às 10 horas.

Culto Evangélico

Horário dos serviços religiosos na Igreja Presbiteriana, Rua Santos Oliveira, 4-Montijo.

Domingos — Escola Dominical às 10 horas, crianças, jovens e adultos. Culto divino às 11 e às 21 horas.

Quartas Feiras — Culto abreviado com ensaio de hinos religiosos às 21 horas.

Sextas Feiras — Reunião de Oração às 21 horas.

No segundo domingo de cada mês celebração da Ceia do Senhor

Espectáculos

CINE POPULAR

5.ª-Feira, 15; (Para 18 anos) um filme de Bob-Hop «A Princesa e o Pirata» com «Arrojada Aventura» e ainda a Revista Paramount.

Sábado, 12; (Para 13 anos) «A Conquista do Espaço» com «Traição» e ainda Imagens de Portugal.

Domingo 18; (Para 18 anos) O filme de grande espectáculo em Superscope «O Filho de Simbad» e em Matinée a maravilha de Dany Kay «Cristian Andersen».

2.ª-Feira 19; (Para 18 anos) «O Apache Branco» com «O Vigarista».

CINEMA 1.º DEZEMBRO

Sábado, 17; (para 13 anos) o magnífico drama real e humano «Tempestade no Céu» com «Sempre às Avesas».

Domingo, 18 e 2.ª-Feira, 19; (para adultos) o melhor filme espanhol do ano «Condenados».

4.ª-Feira, 21; (para 13 anos) uma reposição sensacional, o melhor filme de Gary Cooper, (cópia nova) «Pelo Vale das Sombras».

Domingo, 18; (matinée infantil) com o filme de gargalhadas Bucha e Estica e muitos outros.

Procuras e ofertas

Oferecem-se

Empregado com longa prática comercial para gerente, cobrador ou outro lugar compatível. Carta a este jornal a A. J.

Precisam-se

Empregada, trata-se na Pastelaria Pérola, das 12 às 14 horas e das 18 às 20 horas. De preferência com prática.

Costureiras — Meias oficiais Informa-se nesta redacção.

Telefones de urgência

Hospital, 026046

Serviços Médico Sociais, 026198

Bombeiros, 026048

Taxis, 026025

Ponte dos Vapores, 026425

Antiga loja do Silva Alfaiate

DE

J. C. Figueiredo Diniz

FANQUEIRO
RETROZEIRO
CAMISARIA
FATOS FEITOS

SEMPRE NOVIDADES

Rua Joaquim d'Almeida, 1 -

Rua Machado Santos, 2-4

Telef. 026221-MONTIJO

Novidade sensacional

Registos de Som — uma ideia genial
tornada realidade

NORDMENDE RÁDIO

Uma obra de mestre em cada receptor

Peça uma demonstração aos

AGENTES EXCLUSIVOS

MARPAL, L.º

Rua José Joaquim Marques, 27 - Telef. 026 455 - MONTIJO

Porta aberta

Secção dedicada à colaboração dos nossos leitores

O Avarento

Zacarias, era um velho avarento que vivia só, longe do contacto do mundo civilizado, para melhor estar entregue à sua enorme avareza. Habitava uma caverna, perdida entre montanhas e solitárias e tristes, onde aquele profundo silêncio, era, de quando em quando, perturbado por sinistros uivos de toda a casta de animais ferozes, únicos habitantes e senhores daqueles sitios medonhos e misteriosos.

Só de longe em longe o avarento descia até ao povoado, que ficava a umas léguas distantes, para receber a renda das suas terras, tornando a lá voltar, para os meados de tantos, com a mesma e sequiosa finalidade.

A semana histórica

Coordenação de
Frei Agostinho de Penamacor

DEZEMBRO

Dia 2 -- 1552 -- Morre S. Francisco Xavier.

Dia 3 -- 1157 -- Morre a Rainha D. Mafalda, mulher de D. Afonso Henriques.

Dia 4 -- 1711 -- Nasce a Infanta D. Maria Bárbara.

Dia 5 -- 1917 -- Revolução de Sidónio Pais.

Dia 6 -- 1185 -- Morre D. Afonso Henriques.

Dia 7 -- 1904 -- Morte do médico e professor Dr. José António Serrano.

Dia 8 -- 1720 -- D. João V funda a Academia Real de História.

Dia 9 -- 1392 -- Nasce o Infante D. Pedro.

Dia 10 -- 1616 -- Morte de Diogo do Couto.

Sir Black

(Continuação da última pág.ª)

«Manipulação com Castões de Bengala, também com luvas», «Produção com 20 Cigarros Aceso» e «Manipulação com Bolas de Bilhar». Nos de mentalismo a «Lista Telefónica», «Calendário Perpétuo» etc. etc.

— Já houve alguma peripécia engraçada na sua carreira?

— Várias.

— Conte-nos uma.

— Certa vez pelo Carnaval, estava eu apresentando numa casa de espectáculos o número «o lenço e o ovo» o qual consta de um espectador pegar num lenço, apertá-lo na mão e aparecer um ovo. O assistente apertou de facto o lenço. Eu sobrei e... apareceu o ovo! Neste instante parti o referido ovo para dentro de um copo e tornei a passá-lo à mão do espectador, afim de verificar a sua autenticidade. Qual é o meu espanto, quando o tal senhor levou o copo aos lábios, bebendo a clara e a gema de um trago, puxando da algibeira das calças... um lenço, enquanto mastigava calmamente, a casca do ovo. Não lhe digo mais. A assistência delirou.

— Todo o meu repertório devo ao grande artista Tony Fernandes, um grande Mestre, que em pouco tempo, venceu e convenceu.

E aqui termina a nossa rápida entrevista com Domingos Fernandes Craveiro, ou melhor, com «Sir Black», rapaz muito simpático e comunicativo.

Era uma profunda tristeza para ele, não ter no baú, todo aquele enorme valor em moedas de ouro e, poder, enfim, tocar-lhe com ambas as mãos... contar de uma por uma toda a sua fortuna amealhada...

Zacarias, levava a sua avareza a tal extremo que, para maior economia e elevar o seu peculio, passava longos dias de jejum, na ardente e sequiosa ância, de o ver aumentado.

Um dia, Zacarias viu, com grande alegria sua, o seu peculio consideravelmente aumentado: tinha, enfim, posto consumação aos seus intentos, na venda de todas as suas terras, arrecadando — tal como imaginara — todo o seu producto em moedinhas muito reluzentes.

— Desse dia em diante, jamais Zacarias fora visto por alguém no povoado.

Levava todo o dia devotadamente entregue na contagem constante das suas ricas moedinhas, única passatempo favorito e única razão da sua existência.

Depois, como não saciado só de as contar e de as ver, enterava as mãos pelas moedas dentro, atirando algumas ao ar.

Nestas loucas demonstrações de amor pelas moedas, dava às vezes origem à extravacção de algumas.

Então quando tal acontecia, era certo vê-lo arrancar todo o pasto em redor, vociferando e praguejando até a reaver. Então, quando finalmente a encontrava, dava enormes saltos de contentamento, beijando-a repetidas vezes.

Raro era o dia que Zacarias não desse longos e intermináveis passeios pelos arredores da caverna na mira de ver o que quer que fosse de suspeito à sua tranquilidade. Nada absolutamente encontrava que alterasse toda aquela quietude e monotonia que o rodeava. Às vezes, afigurava-se-lhe, ver por entre o matagal, dois olhos muito brilhantes que o fitavam atentamente. Mas, após leve exame a que se submetia, ficava tranquilo, pois tinha apenas sido «ilusão de sentidos».

Mas, de uma vez, pareceu-lhe mesmo ver dois enormes olhos, faiscando centelhas de lume que o olhavam atentamente dificultando-o de poder fazer qualquer movimento de defeza.

Outras vezes (após essa) via umas enormes mãos, cabeludas e muito compridas, que tomavam a sua direcção...

O receio ia apoderando-se dele, tornando cada vez mais exiguas as suas saídas da caverna.

Passaram-se dias, semanas e talvez meses, sem que nada mais de extraordinário acontecesse ao avarento Zacarias, levando sempre todo o dia contando e tornando a contar as suas ricas moedinhas.

Mas um dia em que Zacarias estava tão entregue no seu labor pareceu-lhe que as suas moedas já não brilhavam com aquele brilho de sempre, mirava-as, e sempre aquele brilho apagado e sem vida...

— «Diabo, as moedas parecem não terem o mesmo brilho... naturalmente já não tem tanto valor!...

Um dia, que não se fez esperar, chegou, em que Zacarias acordava cego para jamais tornar a ver.

Então, algo de estranho, algo que jamais sentira, se a poderou dele. Uma dor profunda o invadiu, enchendo-o de uma nostalgia estranha fazendo-o compreender que,

Na lezíria um frémito de medo percorria o corpo a quantos ouviam este grito:

— O Azeitonado galgou a cerca da eira e escapou-se para o campo!

O Azeitonado era o touro mais lindo que a lezíria ainda vira nascer. Animal de uma corpulência enorme e bem talhada, atraía sobre si a vista dos apreciadores da espécie. Os cornos brancos e finos pareciam mais brancos, tão grande era o contraste com o negro luzidio do seu corpo. A cauda batia-lhe constantemente os flancos como a aceitar a raiva surda que lhe ardia dentro. Nenhum outro se aproximava dele pois era-lhes bem conhecida a ferocidade; mais do que um tinha na pele cicatrizes impostas pelos belos chifres do maesso.

A voz do capataz dos campinos ressoava na tarde pardacenta e arrebatada pelo vento perdia-se na seara: — Venham dez homens bater a campina, pois temos que encontrar esse bruto o mais depressa possível, não vá ele fazer das suas.

Uma chuva miudinha e irritante principiava a cair. Os relinchos dos cavalos misturavam-se às precauções dos cavaleiros e por fim vinte pares de patas martelavam a terra calando as vozes. As mãos crispavam-se nos pampilhos as borlas dos barretes saltitavam-lhes sobre os ombros e, formando semi-círculo, homens e montadas perdiam-se ao longe.

Cada homem ficou sozinho tentando descobrir a mancha do negro corpo do Azeitonado a manchar o verde da seara. A noite já vinha perto, urgia pois a todo o tranze encontrar o matreiro

Manel Zé, o campino mais arrojado e experiente das redondezas no dominar touros, erguia-se mais uma vez sobre os estribos tentando descortinar a fera:

— Lá está ele! Exclamava en-

no mundo, não basta só o dinheiro para sermos felizes; outra coisa, além do dinheiro, existe com mais beleza e com mais esplendor: a vista, pois que, agora, no silêncio da sua dor, por certo o dinheiro zombava dele.

Nini Hilário de Oliveira

Cândido Iavares Rosa da Silva

V. Ex.^a vai casar?

Não esqueça fazer uma consulta sobre o serviço de **LANCHE**

A Gerência da

PASTELARIA RIBATEJANA

TEL. 026 258 MONTIJO

SANFER, L. DA

SEDE

ARMAZÉNS

LISBOA, Rua de S. Julião, 41-1.º

MONTIJO, Rua da Bela Vista

AEROMOTOR SANFER o moíno que resistiu ao ciclone - FERROS para construções, ARAMES, ARCOS, etc.

CIMENTO PORTLAND, TRITURAÇÃO de alimentos para gados

RÍCINO BELGA para abubo de batata, cebola, etc.

CARRIS, VAGONETAS e todo o material para Caminho de Ferro

ARMAZÉNS DE RECOVAGEM

Gabinete de leitura

A Voz da Madeira — Começamos a receber este interessante e bem apresentado semanário que se publica no Funchal sob a proficiente direcção do distinto jornalista Horácio Bento de Oliveira.

Plateia n.º 113 — Mais um número desta bela revista cinematográfica, acompanhada de separata, incluindo entre vários assuntos de interesse uma complectada reportagem da 1ª Semana do Cinema Espanhol em Lisboa.

Boletim do Porto de Lisboa, n.º 57 — Com a costumeira regularidade recebemos o número de Outubro que além de útil informação sobre legislação, tarifas, mercadorias e movimento do Porto de Lisboa, inclui esplêndidos artigos de divulgação e estudo.

XYZ, n.º 5 — Antologia de contos policiários — Pasatempos. Publicação especializada na divulgação e defesa da boa e sã literatura policiária e simultaneamente base para a fundação em Portugal do XYZ Clube de literatura policiária. Gratos pela oferta e ao dispor das simpáticas pretensões que acalentam.

Mercado Filatélico, n.ºs 76 e 77 — Uma esplêndida revista mensal dirigida por Artur O. de Vasconcelos e órgão oficial do Club Internacional de Filatelia. Dedicada ao estudo e divulgação da Filatelia tem óptima colaboração e divulga notícias e assuntos de interesse para a modalidade.

Gratos pela oferta. Boletim da Casa do Alentejo.

Boletim da Casa do Concelho de Gouveia — Dois esplêndidos órgãos respectivamente da Casa do Alentejo e da Casa de Gouveia. Gratos pela oferta.

Radoviária n.º 2 — Temos presente o segundo número desta revista que continua a manter o mesmo interesse que o primeiro, quanto a assuntos e aspecto gráfico.

Notícias da Venezuela, n.º 77 — O número de Outubro do Boletim de informação da Legação da Venezuela em Portugal contém as habituais secções e boa informação deste país.

Voz do Desporto — Temos presente o n.º 1 deste novo semanário setubalense dirigido pelo Sr. Carlos Machado.

Propõe-se a defender e propagar o desporto na cidade do Sado e relatar os acontecimentos desportivos da semana.

Cumprimentamos o novo colega e desejamos-lhe grande êxito.



Representante em MONTIJO
Abel Justino Ventura

As Sociedades Filarmónicas são Escolas de Educação e Cultura

(Continuação da primeira página)

elas a atenção e a consideração a que têm direito.

Formadas, na sua grande maioria, por gentes de Trabalho, são exemplos vivos de quanto podem a Dedicção e o Desinteresse material ao serviço duma Causa nobre e justa.

Aí os vemos nós, aí os vêem todos, — os executantes —, depois dum dia inteiro de labuta nos campos e nas oficinas, fatigados de corpo e alma, engulir às pressas as magras sopas duma ceia primitiva e sujeitar-se a duas ou três horas de ensaios, que lhes tiram o sono reparador e os obrigam a partir, nas madrugadas frígidas e em direcção às suas obrigações, ainda ensonados, ainda não refeitos do esforço dispendido.

Aí os vemos nós, aí os vêem todos, a quando das suas exhibições e concertos, perderem dias de folga no cumprimento dos seus deveres musicais e associativos, enquanto cá fora a multidão jovial, «de guarda sol aberto», passeia e se diverte, muitas vezes indiferente à beleza dos programas e à renúncia dos sacrificados.

Aí os vemos nós, aí os vêem todos, — os das Direc-

ções —, a braços com encargos e dificuldades financeiras, aflitos com rifas, sorteios, e s p e c t á c u l o s, excursões, e tudo o que mais se inventa para buscar capitais, a contas com picuinhas, com grãos de areia, com ditos e mexericos, e ainda por cima atrás dos executantes porque faltam e para que não faltem aos ensaios e às saídas da Banda.

É aí o vemos nós, aí os vêem todos, — o martirizado Regente —, noites e noites a «desbastar mocinhos», a encasquetar partituras e papéis, a desfazer-se em canseiras para que lhe compreendam a vontade e as exigências, e ainda por cima a aturar as ciúmeiras dos que querem, à viva força, que ponha na estante o «1812» e as «Danças do Príncipe Igor».

E tudo isto, toda esta azáfama e estafamento, para quê?

Para que a obra iniciada há longos anos antes não perca a continuidade e se consolide cada vez mais.

Para que a colectividade se prestigie e com ela a localidade onde exerce a sua nobre missão.

Para que o lema «Educação e Cultura» tenha maior

realização e se expanda com mais intensidade e mais fulgor.

No entanto, é lamentável que todos estes esforços e estas boas vontades não sejam devidamente aproveitados e que não mereçam o mesmo auxílio já dispensado a outras manifestações de menor alcance e de menor realce.

Não posso compreender como se subsidia o Teatro e o Cinema, — aliás duas forças culturais de primeira grandeza —, e se esquece a Música popular, representada por estas Sociedades Filarmónicas.

Não posso compreender também como se dispensa a certas modalidades desportivas o maior carinho, o maior entusiasmo e amparo financeiro e se deixam no olvido estas agremiações tão proveitosas e tão úteis.

É evidente que, se fossem subsidiadas convenientemente, as Sociedades Filarmónicas viveriam vida mais desafogada e alargariam o âmbito educativo e cultural das suas actuações.

Instalariam todas elas bibliotecas e salas de leitura; instituiriam escolas para os filhos dos sócios; promoveriam conferências, prelecções, sessões instrutivas, cursos técnicos, laborató-

rios, ginásios, e proporcionariam às populações locais o prazer espiritual de mais audições e de mais concertos.

Aqueles e estes serviriam melhor a Causa que elas representam; e a Educação e a Cultura populares, que hoje estão apenas na infância, subiriam ao nível dos povos mais civilizados.

Não digam que exagero.

Falo com a Verdade, com a Sinceridade, com a Razão, com a Consciência. Nenhum outro intuito me move, nenhum outro móbil oculto me conduz nestas considerações.

Sou incapaz, por instinto e por temperamente, de estar a tirar efeitos luminosos para ilustrar as minhas palavras.

O que são actualmente a Educação e a Cultura populares no nosso meio?

Salvas honrosas excepções, restringem-se a meia dúzia de iniciativas particulares que vivem precariamente, sem numerário e sem estímulo.

E que resulta desta falta e desta indiferença?

O povo desconhece, ou conhece mal, os valores da sua terra, os escritores, os poetas, os historiadores, os sábios, os músicos, os pintores, os escultores, os navegadores, os guerreiros, os oradores, os marinheiros, os heróis, os paladinos das Artes e das Ciências.

Se lhe falam, por exemplo, em Bocage, apenas o conhece pelas anedotas picantes e sujas, — as quais, na maioria das vezes, nem são dele —, apenas o conhece como o bêbado incorrigível que o cinema apresentou, um dia, na tela.

Ele sabe lá o que foi o grande sonetista, o tradutor de obras primas de Ovídio e doutros latinos, de Delille e de Castel!

Se lhe falam de Camões, apenas o conhece por ser

cego dum olho e por ser o brigão, o arruaceiro que o mesmo cinema celebrizou.

Ele sabe lá quem foi o grande épico, o cantor das nossas glórias, o maior poeta do nosso escrinio, o autor dos «Lusíadas», — desse poema sublime traduzido em todas as linguas cultas, desse poema adorável e triético que contém os episódios de «Inês de Castro» e da «Ilha dos Amores», inexcedíveis de beleza de inspiração!

Se lhe falam em Almeida Garrett, apenas sabe, por ouvir dizer, que faz agora, em 9 deste mês corrente, cento e vinte e um anos que nasceu.

Ele sabe lá quem foi esse alto valor da terra portuguesa, o ciclópico, o colossal, o enciclopédico génio, o liberal impoluto, o autor do «Frei Luís de Sousa» e de «Alfageme de Santarém» o estilista mavioso das «Viagens na minha terra», o orador eloquente, o jornalista de pulso e garra, o fundador ou renovador do teatro retintamente português, — essa figura esplendorosa que por mais de 30 anos encheu Portugal, encheu o mundo culto de claridades pujantes!

Se lhe falam no Infante D. Henrique, apenas sabe, e quase sempre por ouvir dizer também, que foi «um maduro», um «ratão que se enclausurou lá em baixo, em Sagres, numa casa abarracada, olhando as ondas do mar e os horizontes longínquos com a mão em pala sobre os olhos, — como o representam os cartazes e as ilustrações de cutiliquê.

Ele sabe lá quem foi o insigne visionário, o integro sonhador, o português legítimo que fundou no Cabo de S. Vicente, rés vés do Oceano, aquela Escola de Astronomia, de Cosmografia e Náutica, que serviu para instruir os descobridores de novos mundos e abrir à navegação novos e mais dilatados Caminhos!

Alvaro Valente

Verdade e Engano

É assustador o número quasi incontável de indivíduos pré tendenciosos a críticos de renome em matérias de sapiência, nos diversos campos que se nos oferece, tentando «guindar-se» a lugares de distinção, para que deste modo possam ver «grifado» o seu nome ou pseudónimo, nos arraias da paginação, de alguns insípidos e mal-baratos diários, órgãos defensores de balofas notícias e até de mesquinhas querelas.

Porém, e, como é óbvio do leitor consciente pousar seus olhos, em reparos de valor e interesse, surgem a cada passo disparez dignos de observação.

Esta e aquela alarmante notícia, espanta a humanidade inteira que inconsciente da sua basilar verdade, crê cegamente na volúpia noticiária, começando a comentar a seu modo e jeito, até que o assunto tome o aspecto, ou bizarro ou pessimista, caindo sempre em interpretações antagonicas, áquilo que na realidade é.

Observemos o que se tem passado acêrca dos últimos informes de imprensa sobre a «Energia Nuclear». Tem surgido de todas as partes do Mundo as mais estrondosas notícias, sobre o seu incontestável valor e eficiência no campo da prática do «bem» e do «bélico». No primeiro caso, comenta o homem, em cada canto,

— é a maior descoberta até hoje, que o progresso lega ao maravilhoso e sempre incógnito cérebro humano, dando deste modo um aspecto de interesse e satisfação, e elevando-o cada vez mais.

No campo «bélico», milhares de individuos vivem sobre tensão horrível do medo, constantemente agitados à mais pequena reacção, tendente a tornar esclarecida uma nova descoberta, no sector da «Energia Nuclear» porque dado o seu temor, o homem sossobra o valor desta energia para o «bem» e pensa única e simplesmente no mal. Tudo porque as notícias, quando redigidas, são totalmente deturpadas e mesmo ampliadas a tal ponto, que o povo não sabe para onde se voltar, se desacreditar totalmente na sua acção, quer benéfica ou destrutiva, ou aceitar uma única versão.

Isto, estaria totalmente remediado se tais informações surgissem de fontes conscientes das suas afirmações, e com os dados necessários, ao esclarecimento fácil de todas as camadas sociais para que assim, não nos detivessemos a observar o medo que contraíam tantos milhares de pessoas, nem sequer podendo ouvir falar sobre «Energia Nuclear», quando afinal com prudência descrita, a extraordinária aplicação e valor desta «ener-

gia» nos deveríamos orgulhar de perto de nós, a mesma estar a ser desenvolvida.

É necessário e isto importa salientar, que os jornais, revistas e todos os informadores de Imprensa, usam de reflexão ao compilar os seus artigos, para que a tática da sua publicidade não redunde numa obsessão de medo nos seus leitores e desprestigiando o valor desta «Energia» riqueza incomparável que a Natureza de mão dada aos interesses do homem, lhe dispensa.

Não só esta «Energia» é eficiente nos campos já demonstrados, como estudos feitos ultimamente provam a sua aplicação no prolongamento de vida na espécie humana, podendo a humanidade regosijar-se, sem temores, pela sua aplicação.

O homem tal como todas as suas descobertas, quando encaminhadas a bom porto, salvaguardam os interesses comuns e não são de forma alguma prejudiciais, antes uma força viva e imamente, cujos frutos se colhem dia a dia.

Crer no desenvolvimento da «Energia Nuclear» é aceitar a valiosa colaboração dos cientistas, empenhados na luta pelas descobertas.

Minda Pires

a leis geométricas e as casas não obedeceram ao imperativo de um padrão arquitectónico único.

Nós temos um amigo, pessoa de enorme sensibilidade artística, intelectual até à medula, inteligência viva e sempre aberta a todos os problemas, culto e viajado, que adora passear sozinho, quando visita Lisboa, pelas ruelas e becos do Bairro Alto. Em cada canto ele encontra um motivo de admiração, talvez lembrando os seus tempos de estudante universitário, quando descia aquelas calçadas para ir a caminho do seu futuro, ou pela simples curiosidade de apreciar as perspectivas de certos recantos, onde existem palácios que têm o braço de famílias em ruína a lembrar uma história que já não pode voltar.

Esse amigo, quando se faz

acompanhar de viajantes de língua inglesa, não deixa nunca de os levar ao Bairro Alto. E procura as noites estreladas e cálidas de Verão, porque nelas a beleza parece maior, os vultos mais poetizados, os candeeiros de luz mortíça espalhando uma tristeza que foi de outros tempos e só nos livros de memórias se pode reencontrar, agora. Mas apesar disso, e da força do Tempo que tudo transforma, nós, que também temos acompanhado por vezes esse dilecto amigo, sentimos e comungamos com ele a poesia daquelas casas velhinhas e saudosas dos tempos em que por ali passavam os caleches puxados a cavalos e os palácios se acendiam, nos dias de festa, para o esplendor das grandes reuniões mundanas.

(Continua)

Uma jornada trágica

Futebol

Campeonato Nacional da 2.ª Divisão.

A deslocação do Montijo a Beja

Competiam os comentários deste encontro ao nosso camarada Artur Lucas, no entanto em virtude da fatalidade sucedida a seu pai não lhe é possível dar-nos o seu curso, pelo que tomamos nós o encargo de tal.

É certo também que, á hora a que temos de alinhar estas linhas, não nos encontramos em condições de analisar o encontro, porque fomos dos que tiveram a infelicidade de assistir ao desastre que atingiu o carro que transportava os jogadores, a que noutra lugar se faz referência.

E assim a nossa comoção, ainda patente, inibe-nos de fazer uma análise profunda ao encontro, como é nosso hábito e como seria desejo dos nossos leitores, limitamos-nos portanto a fazer essa análise muito sucinta, para que semanalmente se não deixe de acompanhar a actividade do nosso clube.

A formação da nossa equipa sem a inclusão de Fábregas e Neto I e ainda com José Paulo, um pouco tocado do jogo anterior, teve de se sentir e daí o seu pouco rendimento, e muito embora Neto II e Santana, que substituíram respectivamente o 1.º e 2.º jogador, tivessem cumprido dentro do que seria normal e deles se poderia esperar, e não foi pela sua actuação pessoal, mas sim pela integração no conjunto que esse rendimento foi inferior, levando ainda em linha de conta a fraca actuação não só de José Paulo e Ernesto na linha dianteira, como ainda de Caixeirinha em tarde apática e nada produtiva.

Devemos no entanto dizer em abono da verdade que a equipa de Beja, dentro do seu reduzido nos desiludiu, e os 2 tentos obtidos ficou-os devendo a um brinde de Albertino e a um outro do arbitro que permitiu a validação do segundo, de Marcelino em nitida posição de fora de jogo, por haver recebido a bola dum companheiro.

E muito embora os visitados tivessem outras oportunidades, falhadas por atenção da defesa montijense, o certo é que estes tiveram também algumas que, em tarde de inspiração poderiam ter feito oscilar o marcador, e assim o resultado pela diferença duma bola, melhor se ajustaria ás oportunidades desperdiçadas pelos contendores.

A arbitragem do sr. Raul Martins, que não encontrou «problemas» foi demasiado caseira.

O desastre dos jogadores do Montijo

Quando do regresso de Beja um dos carros da caravana, conduzido pelo nosso amigo sr. José Maria Lucas, competente motorista de praça, devido ao estado da estrada, e devido ainda á chuva diluviana que nessa altura caía, ao passar perto de Odivelas, entre Ferreira do Alentejo e Torrão, saiu da estrada saltando por uma ribanceira e indo embater num pinheiro.

O choque foi grande, e felizmente presenciado por um outro carro da caravana. do motorista Rui Constantino e que conduzia mais 4 jogadores.

carro sinistrado além do seu proprietário, ainda os jogadores Albertino Quaresma, Gilberto Marques, Francisco Neto e Marciano Barragon. Conduzidos imediatamente nos carros dos srs. Eng. Mimoso e Rui Constantino, acompanhados pelos restantes, para o hospital de Ferreira do Alentejo, foram-lhes ali prestados os primeiros socorros, embora em condições deficientes por motivo das instalações, mas onde encontramos pessoal carinhoso e solícito.

Após os primeiros socorros foram os feridos conduzidos na ambulância dos Bombeiros de Beja para o hospital de S. José, acompanhados não só pelos directores sr. Bordeira e Machado, como ainda pelo enfermeiro do Clube, Joaquim Ribeiro, o treinador António Fábregas e jogador Caixeirinha.

Os jogadores Albertino e Barragon, como o seu estado não inspirava cuidado. após radiografados e tratados recolheram a casa, os restantes ficaram internados.

A hora que damos a notícia estamos informados que aos três sinistrados foi ditado o seguinte diagnóstico: José Maria Lucas, com fractura das duas pernas e coluna vertebral; Gilberto, frac-

tura num pé, dedos da mão direita e maxilares e Neto, um traumatismo forte que o deixou em estado quase de coma: quanto aos dois que recolheram a casa, sofreram: Barragon, um ferimento profundo na região frontal e Albertino um pequeno ferimento também na mesma região e uma escoriação no sobrolho esquerdo.

Um desastre que vem afectar grandemente não só os sinistrados, como ainda a preparação e continuidade do Clube Desportivo de Montijo, pela falta que lhes faz os jogadores atingidos por esta infelicidade.

A consternação em Montijo é geral e á chegada do primeiro carro, em que vínhamos, fomos logo abordados por dezenas de pessoas para indagar da notícia, estado que se manteve até madrugada, não só pelo desastre em si como pela simpatia que a todos inspiravam as suas vítimas.

«A Província» faz votos pelas rápidas melhoras dos doentes, e deseja ao clube da nossa terra uma recuperação e que esta infelicidade o não venha atingir no futuro, mais ainda do que esta fatalidade lhe proporciona, moral e materialmente.

José Estêvão

José Maria Lucas

A completar o trágico acidente, lançando na dor e desespero uma família de bons amigos, chega-nos hoje a notícia do falecimento de José Maria Lucas.

O extinto que era pai do nosso redactor e amigo Artur Lucas e de Adriano Lucas praticante de basquete no C. D. M., deixa viúva a Sr.ª D. Adriana Lucas, tendo a sua morte consternado profundamente toda a população.

Todos que neste jornal trabalham sentem profundamente a morte de José Maria Lucas, e expressam com emoção o seu grande pesar á família enlutada, em especial ao nosso querido amigo e redactor desportivo Artur Lucas.

M. L.

Solidariedade

BASQUETEBOL

Montijo, 47 - Mundet, 35

Realizou-se na passada quinta-feira, dia 8, o encontro Montijo-Mundet 2.º Jornada do Campeonato Regional.

Sob a arbitragem do Sr. Daniel Medeiros as equipas alinharam:

MONTIJO: Pinto, Lucas (4), Tomaz (30), Gabriel (2), Adelino Cepinha, Cosme, Barreiras (6) Lopes (4).

MUNDET: Duval, Pescadinha (16), Carvalho, Machado (8), Diamantino (11), Aldemiro e Rodrigues.

Este jogo serviu para aquilatar os melhor da subida de forma da equipa do Montijo.

Sempre na posição de vencedor, o Montijo fez uma partida interessante quer á defesa quer ao ataque.

Na defesa a estatura de Adelino e Lucas prevalecem pois estes elementos são óptimos nos ressaltos e sabe-se a importância deste pormenor como ponto de partida para o contra-ataque.

Na transposição de jogo e no delineamento dos esquemas, no ataque, aqueles dois elementos também estiveram em evidência.

Também Tomaz esteve em grande plano.

Demonstrou mais uma vez a sua grande intuição para a prática da modalidade e fez 30 pontos, o que por si atesta a sua grande e já reconhecida categoria.

O Mundet, que vimos pela segunda vez, agradou nos novamente quanto á esquematização dos lances, mas no capítulo de lançamentos ainda são muito fracos.

Aparte Pescadinha, os restantes são fracos encestadores, tanto de meia distância como de baixo do cesto.

Arbitragem excelente.

Luciano Mocho

A contar para a 3ª Jornada do Campeonato Regional realizou-se no passado domingo dia 11, o encontro entre as equipas do Seixal e do Montijo, em que o Seixal venceu o Montijo por 54-42.

Concurso de Prognósticos de Futebol

Prémio desta semana

Para o concorrente que acerte em maior número de resultados (exceptuando todos os resultados).

300\$00

em compras em estabelecimento á escolha do contemplado.

E ainda mais 2 prémios Ao concorrente que acerte em todos os resultados

1.000\$00

Em compras, em estabelecimento á escolha do contemplado.

E

Prémio extra

Se for sócio do Ateneu Popular de Montijo terá mais o seguinte prémio: Uma viagem a Espanha em autocarro, no próximo mês de Abril de 1956 (passaporte incluído).

«A Província» vende-se em Montijo nas papelarias «Alvatília» e «Moderna» e nesta redacção, locais onde todos os concorrente a podem adquirir.

Cada leitor pode concorrer com qualquer número de prognósticos.

Só um concorrente acertou em 11 resultados

Foi o Sr. Artur Marques Tavares

morador na Rua 1.º de Dezembro, em CANHA

O prémio será enviado pelo correio por toda esta semana

Corte a cabeça deste cupão e guarde-o

CUPÃO N.º 12

Concurso Prognósticos de Futebol de «A Província»

CORTE POR AQUI

Zona Norte		Zona Sul	
Peniche	Guimarães	Coruchense	Estoril
Espinho	Salgueiros	Elvas	Olhanense
Leixões	Gil Vicente	Portaleg.	Olivais
Chaves	U. Coimbra	Arroios	Juventude
Leões	Viseu	Montijo	Montemor
Vianense	Sanjoanense	Farense	Beja
Tirsense	Boavista	Portimon.	Oriental

Nome

Morada

Localidade

«A Província»

Cupão N.º 12

Enviar este cupão até ás 12 horas de Domingo

E. M.

LAURA ALVES

(Continuação da última pág.ª)

Alves é tão alegre em cena, como quando conversa com o jornalista. O seu rosto redondo e minoso é um sorriso perpétuo de bonomia azougada que nos dispõe bem, o que nos leva a crer que Laura Alves tem em cada pessoa que com ela lida, um amigo, um simpático, áparte a sua arte inconfundível, tão pessoal.

Em vista do exposto, arriscamos: — Acha que o cinema possa contribuir de qualquer modo para a fuga do público do teatro?

— Em princípio não, porque são duas artes totalmente diferentes. Eu, por exemplo, gosto de cinema porque me distrai. Assim, considero o cinema um passatempo. Evidentemente que o teatro tem de ser, áparte o que eu disse a seu respeito, mais dispendioso por exigir a presença do artista, enquanto que no cinema os artistas vêm em caixas de folha.

E para o leitor que comodamente disfruta dum espectáculo teatral, sentado na sua poltrona, possa avaliar dos espinhos que o trabalho teatral dá, dir-lhe-ei que Laura Alves há sete anos que trabalha sem descanso representando e ensaiando peças umas após outras e que nos seus momentos livres ainda lê peças sobre peças, em busca daquelas que mais vantagem lhe poderão trazer ao seu repertório.

Um cavalheiro veio avisar a D. Laura de que ia entrar em cena. Apresadadamente, pedindo, contudo desculpa ao jornalista, Laura Alves retira-se para detraz do seu biombo e enquanto vai ultimando a sua «toilette» para entrar em cena, continua a responder às minhas perguntas indiscretas sempre com aquelas boas maneiras que fazem dela a artista mais querida do nosso público e também dos jornalistas.

Terminada a «toilette», a trepidante Laurinha com o mais amável dos seus sorrisos dirige-se para a porta do seu camarim, não sem nos dizer: — Desculpe-me, sim, mas já estão a chamar por mim.

Toponímia

(Continuação da primeira página)

da Devesa, da Cavaleira, dos Pauliteiros, dos Mercadores, Páteo do Tronco, travessa das Amas do Cardeal (Évora) Beco das Mil Patacas, etc., etc.

Por estes nomes verificamos que a imaginação popular, bastante aguçada, fez sempre a história da povoação, fixando épocas, factos, figuras a ponto de se poder afirmar de que em certas cidades e vilas, ao começar do século XIX, nas placas afixadas nas ruas estava escrita a história dessa localidade. Esta toponímia constitui ainda hoje, uma grande achega para os estudos históricos — monográficos das povoações. Veio a revolução ventista. Com ela, os acontecimentos político-sociais elevaram, ao trono da glória, um grande número de heróis pela sua notabilidade que, a par do seu grande e forte idealismo e do ardor da luta, tinham uma alta e luminosa projecção literal ou social.

As aberturas de novos arruamentos eram raras, por falta de meios financeiros, e os municípios, nessa época, pouca atenção podiam dispensar ao desenvolvimento do país.

Mas os grupos políticos tinham os seus heróis que era preciso guindar às culminâncias da glória.

Pensava-se que os nomes dos largos, ruas, becos ou outras artérias das povoações nada significavam ou

revelavam traduzir a consagração de factos e figuras eminentes.

Os caciques políticos viram então, que a melhor maneira de guindar os seus heróis era dar os seus nomes aos largos e ruas da localidade. E, numa exaltação partidária, bem acesa e vincada, tratam de substituir a toponímia antiga, de imenso valor real, por uma toponímia temporária, que eles julgavam eterna, pois não adivinharam que os partidos políticos, que se lhes havia de seguir, contrários dos seus ideais, iriam, igualmente, substituí-los para consagrarem, também, os seus heróis. O pior é que, além dos homens que mereciam tais honras outros, de menos mérito, por simples motivo de ordem bairrista ou regional, alcançaram igual ponto na craveira de homenagem ou glorificação.

Foi, pois, em 1820 que começou a desenvolver-se a fúria da mudança toponímica. E, quando, em 1910, mudou o regime, a governança de Portugal «por natural e lógico», entendeu que devia ser alterada a designação, os nomes dos reis, de príncipes, de fidalgos e políticos das épocas anteriores por outros, em justa homenagem aos heróis da revolução e aos homens que na Tribuna Política de S. Bento e no governo, constituíram o escol ou elite do novo regime. Neste, como no regime ante-

rior, houve, é claro, o ingresso de alguns nomes na toponímia sem qualquer significado político-social ou literário, obedecendo somente ao mandado bairrista e até «de simples e modestos caciques provincianos». A partir de 1910, sempre que surgia uma nova situação política, faziam-se alterações na toponímia das cidades, vilas e aldeias, com relativa facilidade. Lisboa e o Porto foram os centros populacionais em que esta mudança teve efeitos menos sensíveis. Houve mudanças razoáveis, é certo, mas outras houve, talvez, injustas. Apareceram protestos e reclamações da parte de núcleos culturais contra o facto de se substituir o nome de um herói, guerreiro, poeta, escritor, pelo nome de um político de pouca fama ou por algum benemérito da ocasião.

Graças a estes protestos, evitaram-se desmandos, corrigiram-se erros e ofensas graves, mas a mudança do nome de ruas — a que o *Século* chamou há tempos *Contradança* — continuou forte, quase invencível. Com o movimento de 28 de Maio sucederam novas mudanças de nomes. Depois disso, as Câmaras Municipais criaram uma Comissão Toponímica, que tem tido influência, evitando que bruscas modalidades surjam na denominação dos arruamentos.

Com a abertura de novas ruas, largos e avenidas nas

MARIA DULCE

(Continuação da última pág.ª)

rota», de peúgos brancos e de franginha.

A sua narrativa que ela nos contou há cerca de cinco anos, da maneira como entrou no cinema lusitano, a sua actuação no nosso Teatro Nacional em «Nau Catrineta» e nos variadíssimos recitais, esvai-se após tão prolongada ausência, para dar lugar agora à sua embaixada portuguesa-espanhola no palco do Tivoli-Cinema, durante a Semana do Cine Espanhol, para a apresentação da pleiade de artistas, realizadores e dirigentes deste acontecimento de estreitamento entre os dois países.

Daquela que conhecemos ainda «miúda» e trocista, a quem o signatário explicava inglês e que após as lições ela lhe trocava as notas quando tocava piano para o acompanhar, não resta mais do que uma visão retrospectiva, como que uma espécie de sombra fantástica vinda do Além.

povoações, tem-se prestado homenagem a grandes figuras, um tanto ou quanto esquecidas, e que eram de significado na vida da nação ou de factos meramente locais.

Com elas se tem defendido, acêrrimamente, velhas e seculares designações, «de singular encanto e de acentuado valor popular». Torna-se já difícil, senão impossível a ofensa à memória dos homens ilustres e o monosprezo das datas de excepcional relevo na vida do País.

(Continua)

Fotofilme Trabalhos para amadores - Fotógrafos - J. d'Arte - Aparelhos fotográficos - Reportagem Fotográfica
R. Bulhão Pato, 11 MONTIJO

MOBILOIL

O lubrificante dos campeões
AGENTES EXCLUSIVOS

Tamarca, L. da

Telef. 026152 MONTIJO

1956

O maior sortido de
Agendas e Blocos de
Calendário encontrará
V. Ex.ª na

REPAL

Peça, não esqueça as famadas
agendas «AMBAR»Representante em MONTIJO
ABEL JUSTINIANO VENTURA

José Teodósio da Silva

(Herdeira)

Fábrica fundada em 1900 (em edifício próprio)

Fábrica de Gasosas, Refrigerantes, Soda water, Licores. Xaropes, Junipero, Cremes de todas as qualidades, etc.

Fabricos pelos sistemas mais modernos

6-Rua Formosa 8-Telef. 028204
Montije

Gasolina - Gasóleo - Óleos

AGENCIA OFICIAL

Viúva & Filhos

de Román Sanches

Folhetim de «A Província»

N.º 34

O segredo do espelho

por

Augustus Muir

Ela não apareceu à minha renda. Dunstan disse-me que Lucille Paradene lhe tinha pedido que a servisse no quarto. Estava visto que resolvera formalmente evitar-me. Logo que acabei de comer pedi ao criado que avisasse a jovem, para que descesse à casa de jantar.

O insolente desafio de Roger German ajuntara uma nova complicação à já de si misteriosa conduta de Lucille, e eu começava a reprovar interiormente a maneira como a tinha tratado.

Eu estava quase em crer, ou melhor desejava violentamente acreditar que as

palavras de German, não passavam de gabarolices.

Quando ela desceu, os lábios estavam descorados e os olhos negros indicavam uma fadiga extrema

— Faça favor de se sentar — convidai eu aproximando-lhe uma cadeira — Acabei mesmo agora de falar com «Mister» Roger German.

— Não, prefiro ficar de pé. Que tem para me dizer?

— Pois bem. Tenho estado com ele toda esta manhã — continuei aparentando não perceber a sua hostil frieza — e estou firmemente convencido que aquele homem é um verdadeiro bandido.

Ele reconheceu praticamente, que estava metido em negócios mais do que suspeitos com meu avô. E o que é pior, diz que a senhora colabora com ele nas suas manobras criminosas.

Lucille Paradene, olhou-me com ar indignado.

— É o senhor acreditou-o

— Eu não sei quem acreditar — disse tristemente — disse a Roger German que a visita que lhe fez era do meu conhecimento.

— Então sabia! — exclamou num grito.

— Sim, e ele garantiu-me que Miss Paradene, voltaria lá esta tarde.

A jovem tapou o rosto e deixou-se cair na cadeira.

— Sim — murmurou — Oh! E' um bruto abodominável...

Dei dois passos para ela.

— Teve ele a veleidade de a maltratar? — perguntei.

Sentia-me sufocado só com este pensamento, mas para minha tranquilidade ela fez

com a cabeça um sinal negativo.

— Pelo amor de Deus! — exclamei implorativo — porque não me conta tudo? Porque veio aqui com «Mister» Paul?

A sua voz tremia quando me respondeu:

— Para impedir «Mister» German de... prosseguir a obra... de seu avô. Aqui está! Finalmente! Se soubesse tudo ficaria apavorado! Não tenho coragem de lhe dizer... Não posso!... Uma ideia súbita me atravessou o espírito.

— Meu avô tinha um motivo para ter medo de Roger German?

— Eles zangaram-se o ano passado — respondeu Lucille — Roger German ameaçou-o de morte. Eles ficaram inimigos depois.

— Foi por essa razão que o velho Swinburn, vivia aqui como um ermita... aterrizado com a ideia de sair da sua propriedade?...

— Assim o creio — concordou a jovem.

— E a sua disputa tinha o dinheiro como motivo... uma questão de partilhas, sem dúvida. Compreendo. «Mister» German, deve ter fortes razões para desejar ocupar *Falcon Castle*.

Ela suspirou, e eu vi que me aproximava pouco a pouco da verdade. Tinha uma obscura intuição de que as iniquidades de meu avô, eram muito mais negras agora, do que eu havia imaginado.

Mas estava também convencido de que não era voluntariamente que Lucille estava envolvida neste caso, e só o pensar que a jovem se encontrava presa nas garras de um homem como German fazia-me tremer de raiva.

(Continua)

A PROVINCIA

APRESENTA: TEATRO-CINEMA

Entrevista com

Maria Lalande

Procurei a actriz Maria Lalande e pedi-lhe uma entrevista para o nosso jornal.

A intérprete de «Rosa Engeitada» recebe-me em sua casa, numa pequena sala mobilada com gosto requintado. Enquanto aguardo a artista faço um rápido exame ao



Quizemos saber se ela, artista dramática por excelência se sentia com ânimo para interpretar um papel cómico. A artista afirma-nos.

— Certamente, pois também já representei comédia. Quando estive no Teatro Nacional interpretei todos os géneros de teatro — drama, comédia, teatro de Gil Vicente e até teatro infantil. Fui a criadora de alguns personagens deste último género de teatro».

Assim nos falou Maria Lalande, actriz insigne do nosso Teatro Declamado que se estreou como discipula no Teatro da Trindade, na peça «Cova da Piedade», e em 1931 fez a sua estreia já como artista no Teatro Nacional, na peça americana «Romance».

E assim nos despedimos de Maria Lalande, a mais genérica artista do nossa cena.

Inscreva-se no
Cine-Clube de
Montijo
dirija-se à nossa
Redacção

ambiente da sala artisticamente mobilada com móveis Luís XVI, dos cadeirões de estilo Império e de variadas miniaturas pendentes das paredes forradas a papel cor de rosa. Foi naquele ambiente alegre que certamente foram estudadas e criadas as personagens tristes de «Nora» de «A casa de boneca», da «Rosa Engeitada» e de tantas outras criações de Maria Lalande. Ali mesmo, entre as quatro paredes daquela saleta atapetada e confortável, sobre cujas alcáforas o eco dos nossos passos morre abafado neste crepúsculo de uma tarde de verão, quando cá fora o sol morre inundando de uma luz pálida as sete colinas de Lisboa, surge Maria Lalande agora cheia de alegria, na sua vida particular, que no palco sabe tão bem ser uma trágica magnífica.

E o interrogatório começa:

— Gostou da sua criação do papel de «Nora» de «A casa de boneca», de Ibsen?

A esta pergunta a artista olha-nos por seu turno interrogativamente, e baixando os olhos em seu cismar enquanto deixa brincar os seus afilados dedos sobre o tecido multicor do sofá onde está sentada, responde com certa modéstia.

— Trabalhei muito o papel de «Nora», mas acho que ainda assim tinha defeitos; podia ter feito melhor.

Página

de

Luís Bonifácio

e

Anibal Anjos

Tenho andado por Espanha diz-nos MARIA DULCE

Alta, bem espigada, uma verdadeira senhora já, foi assim que voltámos a encontrar Maria Dulce no «foyer» do Tivoli Cinema, quando da «première» da Semana de Cine Espanhol ultimamente realizada pelo Ciclo de escritores Cinematográficos de Espanha.

Pedimos-lhe uma entrevista, ao que, a simpática intérprete de «Frei Luís de Sousa», de tão gratas recordações aquiesce desde o primeiro momento.

— Como sabe esta entrevista é para o jornal «A Província»?

Ao que Maria Dulce responde com diplomacia.

— Mas com todo o gosto.



Laura Alves

continua a ser o ídolo do público

Entre dois números da alegre revista «Melodias de Lisboa», em pleno êxito no Teatro Monumental, a não menos alegre artista dos nossos teatros declamado e ligeiro recebe-me no seu luxuoso camarim para esta sensacional entrevista para o jornal «A Província».

Tão boa artista como pessoa, a popular Laura Alves diz-me estar desde o primeiro momento ao meu dispor para o sacramental inter-



rogatório. Entretanto, com a indescritiva própria dum jornalista, vou notando e admirando os inúmeros «bibelots» de gosto requintado que alindam o «ninho» de arte da popularíssima Laurinha. Saco do meu estilógrafo e do bloco, ao mesmo tempo que a interprete de «A fera amansada», de Shakespeare sai detraz do seu biombo e me diz: Pronto aqui estou.

— Quando começou?

— Aos doze anos, no Teatro Politeama, em «As duas garotas» contracenando com grandes artistas como: Mestre Alves da Cunha, Vilaret e Alvaro Benamor.

— Qual dos dois géneros prefere? O teatro declamado ou a revista?

— Prefiro o teatro declamado, pois foi ele que me permitiu estar mais à vontade no teatro ligeiro.

— Diga-me. Qual é a peça que desejaria representar no teatro declamado?

— Aquela que já representei: «A fera amansada».

— E depois dessa quais foram as peças e revistas que mais êxito lhe deram?

— No teatro declamado, «Sereia do mar e da terra», de Casanova.

«Ela gostava do patrão» e... «A fera amansada», no teatro ligeiro.

«Boa vai ela», «Margarida vai à fonte», «Viva o Porto», «Enquanto houver Santo António», «Lisboa Nova», «Viva o luxo» e muitas mais que seria ocioso enumerar.

— Porque prefere o teatro declamado?

— Porque gosto de interpretar um personagem que tenha princípio, meio e fim o que só se pode conseguir neste género por nos permitir mais possibilidades.

— Tem alguma preferência pelos papeis que representa?

— Não. É a razão explica-se porque me apaixono por tudo o que represento.

Aqui abrimos um parentesis para declarar ao leitor que Laura

(Continua na página 7)

Fala-nos o mentalista

«SIR BLACK»

um prestidigitador com personalidade



«Sir Black» manipulando argolas

Chove torrencialmente. Primeiros dias de Dezembro. Entrei no café «Palladium» para saborear uma «bica».

Nesse instante entra um amigo dos «fixes» acompanhado de um outro senhor novo. Demos largas à nossa velha amizade. Um abraço e...

— Apresento-lhe o Sr. Domingos Craveiro, um hábil artista.

Trocámos o simbólico aperto de mão. Parecia-me haver qualquer dúvida. A cara não me era estranha. De onde conheço eu o Sr. Craveiro?

— Ah. Já sei. Vi-o no palco de um dos teatros de Madrid, há relativamente pouco tempo, e agora me recordei que o seu nome, no cartaz, era «Sir Black» manipulador extraordinário. Muito jovem, o mais novo da Península Ibérica.

— Tive muito prazer em o conhecer pessoalmente. Cá em Portugal já me tinham falado de si, ou por outra, do «Sir Black», mas nunca julguei que fosse o Sr.

— As aparências iludem.

— Você é de facto muito novo...?

— Sim, bastante. Tenho apenas 18 «rizonhas» primaveras...

— Diga-me quer ser entrevistado para o jornal «A Província» do Montijo?

— Tenho muito gosto, além disso já actuei na região e achei o público bastante simpático, apesar de me encontrar à frente de gente que trabalha em fábricas. Todavia, meu amigo, digo-lhe com a máxima franqueza, esse público é de todo o melhor!

— Constou-me que você vai partir para o lado de lá do Atlântico. Confirma-se? ou será «blague»?

— De facto penso partir, em breve para a América do Norte onde espero actuar na Televisão e em «boites».

— Pelo que se me afirma você é um bom prestidigitador!

— Perdão, o meu amigo por favor não me confunda. Sou sim, manipulador e mentalista.

— Qual a diferença entre ambos os termos?

— A diferença é grande! O manipulador não precisa utilizar caixas com fundos falsos ou aparelhagem mecânica. O meu repertório é quase todo baseado na digitalidade. Mentalista por me servir da «massa cinzenta» para resolver os problemas e as perguntas expostas.

— Exemplo?

— Pergunte o meu amigo!

— Cá vai. O dia 24 de Agosto de 1910 em que dia da semana caiu?

Resposta rapidíssima.

— 4.ª feira!

De facto, depois de ter saído do café, fui à Biblioteca Nacional ver um jornal da época. Estava certo. Quizemos «enervar» o nosso mentalista com uma «pergunta de algebeira». Para isso pedimos ao criado uma lista dos telefonos. Ao calhar abrimos na página 138, linha 29, do lado esquerdo, e perguntámos: — Qual é o número deste telefone?

— 53878. Veja se condiz.

— Matematicamente certo. Isso chama-se ter «boa memória»!

— Boa memória não, não! Um bom mestre!

— Possivelmente estrangeiro!...

— Estrangeiro? — Porquê estrangeiro? não meu amigo, em Portugal há bons mentalistas, e manipuladores, equivalentes a muitos mestres estrangeiros. Devo



Manipulando bolas e cigarros com luvas calçadas.

destacar o meu Mestre, Tony Fernandes, o único português — até hoje — membro do «Maac Circle» de Londres. Esta Associação só admite manipuladores convocados por dois membros titulares. Como vê não é tão fácil uma categoria destas. Tony Fernandes é hoje um dos maiores no género, não só em Portugal como no estrangeiro.

— Qual o número que mais gosta de representar?

— De manipulação ou mentalismo?

— De manipulação!

— A «manipulação e aparição de cartas com luvas calçadas».

(Continua na página 4)

(Continua na página 7)